

O bonde do 5º A: *funk* e “Passinho dos Maloka”

Pedro Xavier Russo Bonetto

Os acontecimentos aqui narrados fazem parte da experiência curricular realizada durante todo o primeiro semestre de 2018, numa EMEF da rede municipal de São Paulo localizada no bairro da Vila Madalena. As atividades descritas consideram a escrita curricular promovida com o 5º ano A. Era o nosso segundo ano na escola, portanto, já conhecíamos a maioria dos estudantes, o espaço, a comunidade do entorno, bem como uma parcela da cultura corporal dos estudantes.

No ano anterior, tematizáramos diversas brincadeiras, capoeira e vôlei nas aulas de Educação Física e, por conta disso, aguardávamos as primeiras conversas com a turma para propormos a tematização de práticas de ginástica ou dança. Assim, já nas primeiras aulas, alunos e alunas começaram a indicar que provavelmente o tema seria dança e muitos falavam que não iam participar, pois odiavam dançar.

Conversando mais calmamente com a turma, percebemos que eles e elas curtiam *funk*, mas jamais pensaram que esse poderia ser um tema para as aulas. Percebi que muitos buscavam se vestir como funkeiros/funkeiras, ouviam as músicas no intervalo e diziam que as famílias também escutavam. Nesse momento de bate-papo, sugeriram várias músicas, clipes e vídeos de internet. Apenas duas crianças da turma falaram que não conheciam o *funk* nem gostavam. Várias viram ou ouviram um baile perto de onde moram, inclusive dois estudantes disseram que já tinham ido junto com os irmãos mais velhos. Não demorou, alguns estudantes questionaram se realmente podíamos tematizar *funk* na escola, alertando que muitas músicas continham palavrões. Disseram também que a direção da escola odiava *funk*, pois nas festas escolares nunca tocava e que presenciaram um professor dizendo que o ritmo era um lixo.

Compreendendo a prática corporal compunha o patrimônio corporal da comunidade escolar, bem como a ausência e a quase proibição do ritmo/dança na escola, constatamos que poderia ser muito interessante tematizarmos o *funk* durante as aulas. Isso porque entendemos que um dos papéis da escola, bem como da Educação Física, é promover discussões, debates, problematizações sobre as coisas que acontecem no mundo, em especial, àquelas relacionadas às práticas corporais. Quando comunicamos a turma que esse seria o tema, todos vibraram. Nesse dia, subiram as escadas até a sala de aula cantando e dançando. Foi muito potente!

Na aula seguinte, os/as estudantes desceram até a quadra como nunca tinham descido. Uma energia incrível. Disponibilizamos uma caixa de som grande e um cabo auxiliar para que pudessem usar os próprios celulares, conectando-os à caixa para que a turma toda pudesse ouvir. Já nesse momento, alguns ficaram junto ao celular, dizendo quais músicas tinham palavrão e tão logo eram reproduzidas, parte da turma gritava: “tira essa, tem palavrão! ”.

Imagem 1. Dançando nas aulas

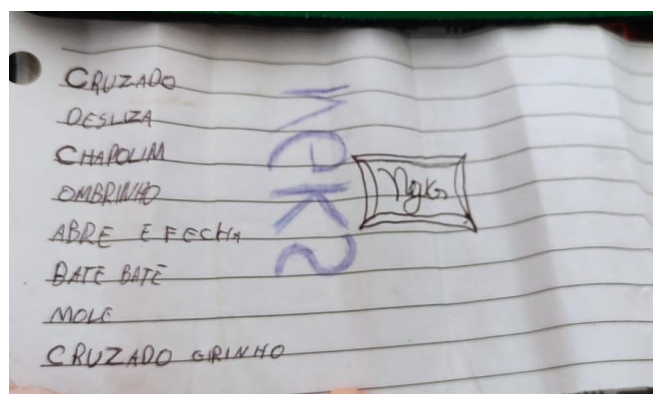


Fonte: Imagem do autor

Do mais, assim que a música começava, os alunos e alunas faziam uma roda ou pequenos grupos, espalhavam-se pelo pátio e dançavam bastante. Pediam algumas músicas específicas, falavam sobre as batidas e alguns passos. Observamos nesse começo, uma prática chamada batalha, onde um dançarino desafiava os demais numa roda, semelhante ao que acontece no *break dance*.

Após muitas aulas em que dançamos e ouvimos músicas, sentamos em círculo e convidamos as crianças a dizer o que tinham feito, o que achavam do tema e contar o que conheciam sobre o *funk*. Relataram que há músicas de *funk* com palavrão que as pessoas praticamente não dançam. Geralmente, ficam com as mãos para cima, levantam copos e mexem os pés. Outras músicas eram boas para fazer “passinho” e que na maioria das vezes essas não tinham “palavrões” nas letras. Sobre os passos, espontaneamente, um aluno sentou perto da quadra, abriu um caderno e escreveu em uma folha o nome de nove passos que ele conhecia e também indicou um grupo de musical chamado NGKS que, de acordo com ele, além de cantar também dançava muito bem.

Imagem 2. Bilhete com os nomes dos passos



Fonte: Imagem do autor

Nas aulas seguintes, dialogando com as indicações desse estudante, perguntamos à turma se conheciam os passos cruzado, desliza, chapolim, ombrinho, abre e fecha, bate-bate, mole, cruzado com *girinho*.

Imagem 3. Cruzado (esq.), mole (centro) e bate-bate (dir.)



Fonte: Imagem do autor

A maioria não conhecia os passos, alguns, quando viram, disseram que não sabiam os nomes. Nesse dia, ao som de NGKS, repetimos os passos indicados pelo colega. Conforme dançavam, descobriram que existem outros passos e alguns que não tinham ou não sabiam os nomes. Falamos sobre o quadradinho, frevo, *pontinha do pé*, “passinho do romano” e passinho dos “menor da favela”. Uma das alunas disse que vários passinhos eram cópias de uma dança chamada *shuffe*. Os alunos discordaram.

Na aula seguinte, fomos para a sala de aula com um *notebook*, caixa de som e um projetor. Enquanto os estudantes falavam as músicas e vídeos que conheciam, nós os

reproduzíamos para a turma. Assistimos vários vídeos, alguns do NGKS, também vimos tutoriais ensinando a dançar¹.

Imagem 3. Imagem do clipe do NGKS – *passinho dos malokas*



Fonte: Internet²

Durante a atividade, perguntamos se as meninas também podiam dançar a dança do passinho.

Imagem 4. Imagem do clipe do NGKS – *Menina maluca*



Fonte: Internet³

Os estudantes disseram que sim, indicaram um videoclipe com mulheres dançando, inclusive, fizeram uma comparação, afirmando que em alguns clipes de *funk*

¹ Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xm-Qmmzab3M> e <https://www.youtube.com/watch?v=K4-6MV4LAbg>. Acesso: 04/02/2020.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZZHRLx7cv1A> Acesso: 04/02/2020.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dQLWJz5w4AE> Acesso: 04/02/2020.

ostentação as mulheres ficam quase peladas ao lado dos cantores, já nas músicas de “passinho dos maloka”, elas dançavam “de boa”.

Novamente na quadra da escola, voltamos a dançar *funk* e experimentar os passos. Nesse dia, alguns alunos dos anos finais do Ensino Fundamental estavam na quadra e quiseram participar da aula dançando. Não demorou, alguns sugeriram que todos fizessem uma batalha de passinho. Formaram uma roda, uma pessoa ficava no meio, dançava e se aproximava de uma outra. Na frente desta, fazia uma pequena provocação, chamando-a para entrar na roda e assim por diante.

Imagem 5. Alunos e alunas fazendo a batalha de *passinho*



Fonte: Imagem do autor

A atividade foi muito bacana e apesar dos gestos de provocação, todos gostaram muito e comemoraram quando um dançarino fazia movimentos mais difíceis. Importante destacar que nem sempre todos/as, dançaram. Uns apenas ficaram parados na roda, outros torciam, escolhiam as músicas, outros, ainda, saíram de perto e não se interessaram. A flexibilidade na participação era algo bastante comum.

Depois de muita dança, sentamos na quadra e começamos a conversar. Um dos alunos mais velhos participou da conversa. Perguntamos como ele tinha aprendido a dançar, se ele frequentava bailes *funk*, os passos que ele mais gostava, quais ele achava mais difíceis e se as pessoas da família dele também gostavam do ritmo. Foi uma verdadeira entrevista. O aluno nos contou que aprendeu a dançar por meio de vídeos e que costumava assistir os clipes e tutoriais. Falou que lá no parque Villa Lobos, no bairro perto da escola, nos finais de semana tem “rolezinho” com o pessoal que dança e que apesar de ter ido a bailes *funk* com os irmãos mais velhos, a mãe não deixava. Por fim,

disse que o passinho mais difícil era o “cruzado com *girinho*” onde o dançarino cai no chão com as pernas cruzadas e se levanta girando. Ele alertou que é frequente alguém inventar um passinho e que o inventor pode criar um nome. Ou seja, batizá-lo, mas até o momento ele não tinha criado nenhum.

Sobre o *funk* e a família, disse que as pessoas que moram com ele não se importam, mesmo quando as músicas contêm palavrão. Assim que a aula terminou, alguns alunos se aproximaram e perguntaram:

ALUNO 1: - Professor, por que você deixa a gente ouvir música com palavrão? Você é o único professor que deixa...

PROFESSOR: - Olha, o ideal é que a gente evite. Eles não são adequados, especialmente na escola. Coisa pornográfica e violenta não curto e não deixo não.

ALUNO 2: - Mas professor, todo mundo fala palavrão!

PROFESSOR: - Você tem razão. Eu inclusive. O palavrão, em alguns contextos, é muito usado. Eu uso também, eu também falo palavrões. Em momentos de felicidade, tristeza, etc. Tem ocasiões que só um bom palavrão, expressa aquilo que a gente está sentindo. Na escola eu evito, mas seria muito hipócrita da minha parte, se chamasse atenção de vocês toda hora que eu ouvisse um. Ele acontece no futebol, no pega-pega, não só no funk. Eu não dou conta de ser fiscal não...

ALUNO 1: - Professor o que é hipócrita?

PROFESSOR: - Hipócrita é contraditório, aquele que diz uma coisa e faz outra. Uma pessoa que finge, encena.

ALUNO 2: - Tipo quem reclama de palavrão, mas fala?

PROFESSOR: - Exatamente!

Sem que esperasse, a questão dos palavrões tinha sido abordado. Uma pena que isso aconteceu no fim da aula, com poucos alunos. Por isso, decidimos trazer o assunto na aula seguinte. Foi quando descobrimos que algumas turmas da escola, que também gostariam de estar tematizando *funk* na Educação Física (mas não estavam), foram ameaçar a turma do 5º A, dizendo que iam na diretoria contar que o professor estava ensinando músicas com palavrão na escola.

O assunto ficou sério. Primeiro, fomos até as pessoas que fizeram a ameaça e explicamos os objetivos da tematização do *funk*. O principal argumento foi de que em nenhum momento o professor levou as músicas de *funk* que ele gostava ou tinha

disponível. Ao contrário, eram músicas indicadas e dos próprios celulares dos estudantes. Em outras palavras, eram músicas que eles e elas já conheciam muito bem. Segundo, entendia que a aula de Educação Física era espaço de debate e discussão sobre as práticas corporais e suas relações com o mundo social. Não podíamos nos furtar de discutir, debater e, inclusive, reprovar certas relações do *funk* com seus representantes, dançarinos, cantores etc.

Procuramos a gestão da escola, antecipamos a “ameaça” e contamos o ocorrido. Disseram que estavam preocupados, que ouviam as aulas e que não sabiam bem os objetivos do trabalho. Por isso, em reunião com a coordenadora pedagógica, explicamos que se tratava de uma tematização com o ritmo/dança *funk*, sobre a história, os passos, bem como as culturas relacionadas. Asseveramos que estava tudo previsto em documentos curriculares, quando tratam de dança na Educação Física. A coordenação compreendeu e aconselhou, apenas, alguns cuidados quanto aos palavrões e letras de cunho erótico e/ou de subjugação da mulher, o que foi prontamente considerado.

Depois de envolver toda turma no debate, fizemos uma aula na quadra com caixa de som e um celular conectado. Iniciamos perguntando: Vocês conhecem de onde vem o nome “*funk*”? Onde começou? Quem criou esse ritmo e essas danças? Um dos estudantes conhecia uma história, disse que vinha de um estilo de música dos Estados Unidos da América (EUA) e que os pais dele gostavam. Nesse momento, reproduzimos a música “*I fell good*” de James Brown. Todos conheciam, dançaram e cantaram. Disseram que muitas pessoas da família ouviam e adoravam.

Explicamos que esse era um dos primeiros cantores de *funk* ou um dos que mais fez sucesso. Contamos, a partir de uma das narrativas possíveis, que a origem do ritmo e da dança considerava que a palavra *funk* ou *funky* era usada pelos músicos de diversos ritmos do *black music*, especialmente no *jazz*, como uma forma de pedir aos colegas de banda que pusessem mais “força” ou “pegada” no compasso das canções⁴. Falamos também que desde os anos 1960, havia músicas com esses termos, como é o caso de *Opus de Funk*, de Horace Silver e *Funky Drummer* do próprio James Brown.

⁴ Alguns estudiosos apontam que poderia ser a fusão entre o vocábulo quibundo “*lu-fuki*” e o inglês “*stinky*”. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/origem-do-funk/#:~:text=Como%20toda%20cria%C3%A7%C3%A3o%20art%C3%ADstica%20fica,faziam%20sucedesse%20nos%20Estados%20Unidos>. Acesso: 02/06/2019.

Imagem 6. James Brown, um dos artistas mais famosos do *Funk*



Fonte: Internet⁵

Narramos que o *funk* era considerado uma vertente do *jazz* ou *soul music*, e que desde o início as músicas sugeriam assuntos polêmicos, tinham palavrão e mulheres dançando. Ouvimos a música “*Sex Machine*”⁶ como exemplo, novamente, do James Brown. Contamos que, por isso, também na época, esse estilo fazia muito sucesso, mas igualmente ao *funk* que eles conheciam, era muito criticado.

Avançando para o contexto brasileiro do final da década de 1970, falamos de artistas como Gerson King Combo, Tim Maia, Carlos Dafé e Tony Tornado, que começaram a cantar o ritmo e passaram a usar os mesmos *looks* afroamericanos, o movimento Black Rio⁷. Nesse período, as casas de *shows* começaram a tocar uma mistura de músicas americanas com *soul*, *rhythm and blues*, *melody*, *groove*, *rap* e músicas eletrônicas como o *miami bass*⁸.

Quando ouvimos músicas de *miami bass*, a identificação com as batidas do *funk* (contemporâneo) foi instantânea. Os estudantes reconheceram algumas semelhanças, além do uso de teclado e sintetizadores. A fim de demonstrar as formas de dançar, assistimos no celular um baile *funk* da década de 1990, em que, na época, as pessoas também dançavam com passinhos.

As imagens foram muito admiradas pelas crianças. Gostaram e tentaram imitar alguns gestos. Acharam engraçado e ficaram surpresas com todo o contexto histórico do *funk*. Uns disseram que os pais também conhecem o passinho de *funk* antigo (*melody*) e

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aYM8Yb14cew> Acesso: 02/06/2019.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1UzZUfUnxY> Acesso: 02/06/2019.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7AL5ILRGfsk> Acesso: 02/06/2019.

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/Vs9QOe5oxvc> Acesso: 02/06/2019.

que até hoje, às vezes, os adultos e pessoas mais velhas que conhecem dançam passinho em festas e churrascos de família.

Imagem 6. Imagem do vídeo que ilustra os passinhos de *funk* dos anos 90



Fonte: Internet⁹

Na aula seguinte exibimos os bailes de *funk* lado A/lado B. Nesses, os integrantes das equipes faziam um corredor e dançavam brigando. Nenhum dos estudantes conhecia essa forma de baile, ficaram angustiados com as cenas, acharam violento, “coisa de maluco”, “isso não é dança”, mas entenderam que, de forma geral, as pessoas não se machucavam nesses bailes. O professor relatou que era mais uma espécie de disputa entre as comunidades do que propriamente uma briga generalizada.

Rumando para as músicas e *funks* do final dos anos 1990, quando ouvimos a música Rap do Silva¹⁰ (Bob Rum – Furação 2000), disseram que era muito famosa e que todos ainda gostavam. Alguns cantaram em voz alta e chamaram atenção de toda escola. Nesse dia, ouvimos também Rap do Salgueiro¹¹ (Claudinho e Bochecha) e Rap da Felicidade¹² (MC Cidinho e Doca), também muito conhecido pelas crianças e o Rap do Solitário¹³ (MC Marcinho).

Por fim, contamos que demorou para as pessoas de São Paulo começarem a gostar de *funk*. Dissemos que, na televisão, entre os anos de 1990 e o início dos anos 2000, a

⁹ Disponível em

https://www.youtube.com/watch?v=dJZIK63kw6Q&list=RDQM0SgutlD4zAA&start_radio=1 Acesso: 02/06/2019.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v5sths6llrI> Acesso: 02/06/2019.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bjgs50svt5s> Acesso: 02/06/2019.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7pD8k2zaLqk> Acesso: 02/06/2019.

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6YkW6QCap_w Acesso: 02/06/2019.

maioria das músicas e cantores de *funk* eram do Rio de Janeiro. Dissemos que em São Paulo o primeiro estilo que fez mais sucesso foi o *funk* ostentação. Nesse momento, alguns alunos e alunas com mais afinidade no ritmo concordaram, disseram que já tinham ouvido isso. Deram os exemplos dos MC Daleste, MC Rodolfinho e MC Guimé. Ouvimos uma música do MC Daleste para todos conhecerem.

Ainda durante essas aulas, percebemos que os estudantes gostavam de aproveitar a “batida” das músicas que estavam tocando e brincavam fazendo rimas provocando uns aos outros. Observando isso, sugerimos que fizessem um *funk* nas aulas, com letra e batida, narrando o que estavam aprendendo. Nas aulas seguintes, a partir da sugestão dos estudantes, fomos à sala de aula com uma caixa de som. A turma começou a rascunhar a letras, combinando-a com as batidas prontas, disponíveis gratuitamente na internet. Depois de três aulas, conseguimos terminar a composição. A batida escolhida foi a famosa chamada beat do Megatron¹⁴.

Imagem 7. Alunos e alunas compondo a música



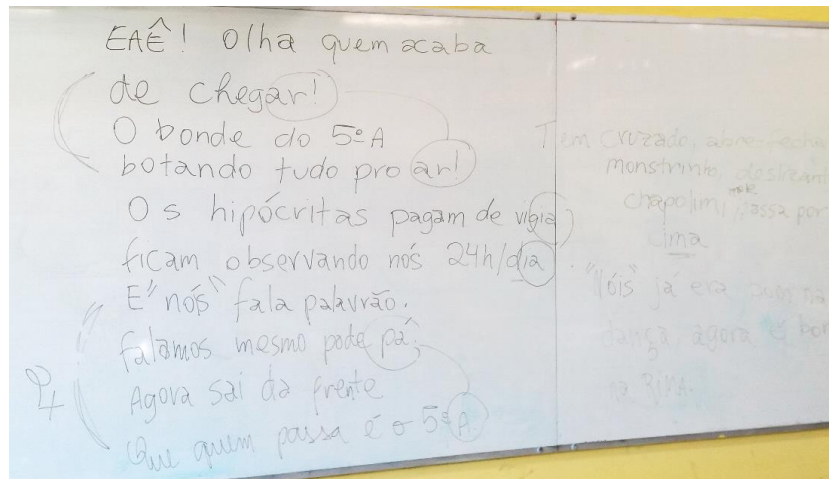
Fonte: Imagem do autor

A letra foi composta com as sugestões da sala toda e, conforme eles e elas gostavam da rima feita pelo colega, escreviam na lousa. A música claramente indicava algumas coisas que tínhamos conversado nas aulas. A turma do 5º A como um bonde,

¹⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ely_WpHy_rM Acesso: 04/02/2020.

nome dado aos grupos de funkeiros/funkeiras, a questão dos palavrões e dos nomes dos passinhos dos “Malokas” discutidos durante as aulas.

Imagem 8. Composição feita pelos estudantes



Fonte: Imagem do autor

Eae! Olha quem acaba de chegar
O bonde do quinto A
Botando tudo pro ar!
Os hipócritas pagam de vigia
Ficam observando nós 24 horas por dia
Os meninos são lokão,
Eles manjam do passinho
As meninas são da hora, mandam logo o quadradinho
Hey hipócritas, respeitem nosso gosto
Não tem vida pra cuidar
E ficam só nosso encosto
E nois fala palavrão
Fala mesmo pode pá!
Agora sai da frente
Que quem passa é o 5° A (REFRÃO)
Tem cruzado, abre e fecha,
Monstrinho e deslizante

*Chapolim e passa por cima,
Nós já era bom de dança
Agora é bom de rima.*

Novamente na quadra vivenciando a dança, uma das estudantes sugeriu que fizéssemos um videoclipe com a nossa música e com a turma dançando. Entretanto, faltava a gravação. Com computador, microfone e um software de áudio, gravamos a voz das crianças cantando a música que compuseram. A edição foi feita coletivamente, pouco ajudamos por desconhecimento. Enquanto alguns acharam que não combinou o *beat* do Megatrom, experimentamos juntar a letra com outra batida e assim ficamos com duas versões da música.

Já no fim do semestre, voltamos à quadra com a música gravada e filmamos os passinhos. As edições do clipe foram feitas por um celular e um aplicativo de edição de vídeos. Na medida em que editavam nos próprios aparelhos, começaram a surgir várias versões do clipe. Alguns mostraram para a família, para os colegas das outras turmas e a produção alcançou toda a escola. Ninguém mais criticou ou pediu explicações sobre a música, ainda que nela houvesse provocações com os trechos sobre “hipócritas” e “E nós fala palavrão”.

No final, assim como tentamos durante toda a experiência curricular, conversamos sobre o que tínhamos tematizado, o que tínhamos aprendido sobre o *funk* e a dança. Muitos falaram que antes tinham medo ou preconceito de participar das aulas porque acharam que ia dar problema. Outros disseram que aprenderam sobre as questões históricas do *funk* e que ele é um ritmo antigo, que vem se transformando. Algumas crianças mencionaram ter aprendido mais sobre o “Passinhos dos Maloka”, passaram a reconhecer os nomes e alguns criaram seus próprios passos.

Ainda que tenhamos dado mais atenção ao funk do “Passinho dos Malokas”, por conta de toda a proximidade com a cultura corporal da comunidade escolar, ampliamos e aprofundamos o conhecimento da turma. Ao trazermos outros modos de vivenciar o *funk* ou os demais subestilos, não deixamos de considerá-los como atualizações dentre todos os *funks*. Por isso, conseguiram falar sobre os tipos de *funk*, o norte-americano, o *funk* melody, o funk do lado A/lado B, o carioca dos anos 1990 (Claudinho e Bochecha), o *funk* ostentação e o *funk* dos passinhos. A avaliação sobre a letra do *funk* foi muito positiva, alguns apenas não gostaram da montagem (que realmente tem problemas que

não conseguimos retirar na edição), mas de forma geral, valeu como um importante registro do processo. Sobre os objetivos da experiência curricular, podemos considerar que a maioria dos estudantes terminou o semestre conhecendo mais sobre o tema, sua relação com a cultura local e sobre os processos de produção cultural, bem como sobre as relações estabelecidas, nesse caso, entre a cultura afro estadunidense e a cultura do *funk* no estado do Rio de Janeiro e no Brasil.